

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

Amanda Bechelli Casseb

Manifestações oníricas na pandemia de Covid-19:  
A perspectiva da Psicanálise sobre sua relação com o Infamiliar

SÃO PAULO  
2023

Amanda Bechelli Casseb

Manifestações oníricas na pandemia de Covid-19:  
A perspectiva da Psicanálise sobre sua relação com o Infamiliar

Trabalho de Conclusão de Curso como  
exigência parcial para graduação no  
curso de Psicologia, sob orientação da  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Andréia de Conto Garbin

SÃO PAULO

2023

## RESUMO

BECHELLI CASSEB, A. **Manifestações oníricas na pandemia de Covid-19: A perspectiva da Psicanálise sobre sua relação com o Infamiliar.** PUCSP, 2023.

**Introdução:** Para a psicanálise, sonhos são fenômenos oriundos de processos inconscientes, passíveis de interpretação e com a função de satisfazer desejos inconscientes, os quais não podem conter suas representações originais para poderem chegar à consciência durante o sono e precisam ser camuflados. Interpretar um sonho é dar a ele um sentido, podendo encontrar os conteúdos latentes que o originaram, e o responsável por atribuir significado ao sonho é o sonhador, associando acerca dos elementos recordados. Em novembro de 2019, surgiram os primeiros casos de Covid-19 e o vírus rapidamente se espalhou pelo mundo, levando a OMS a declarar estado de pandemia. A irrupção da pandemia e seus eventos adjacentes foram traumáticos; sua súbita emergência e o protocolo adotado de isolamento social trouxeram a interrupção de um sentimento de continuidade, forçando a suspensão das expectativas para o futuro e prendendo as pessoas em uma vivência angustiante sem previsão de fim. Elas então passaram a sonhar de maneira muito vívida, ter mais sonhos e lembrar mais deles. Atravessam os sonhos sensações de mal-estar, angústia, falta de confiança nos laços afetivos e temas de violência e perseguição. Há um esforço psíquico para tornar as impressões dos sujeitos em representações nos sonhos, o qual pode se dar pela repetição. Neste cenário de mudanças, luto e confinamento, surge um desamparo trazido pelo novo; há uma estranha familiaridade que permeia esse momento, trazendo à luz algo que deveria ter ficado oculto. Tal é o infamiliar, formulado por Freud como aquilo que é assustador por ser o retorno de algo que foi recalcado. No confinamento, é podada a possibilidade de atribuir a própria angústia a elementos externos, colocando todos diante da realização de que suas aflições não vêm de fora, e sim do que há de estranho em cada um. Os sonhos da pandemia evidenciam a generalização desse sentimento de infamiliaridade. **Objetivo:** O objetivo deste trabalho é observar conteúdos emergentes em sonhos durante a pandemia de Covid-19 e analisar o que eles expõem da vida psíquica dos sujeitos sob a

perspectiva da Psicanálise freudiana. **Método:** Foi realizado um levantamento bibliográfico para procurar entender a experiência generalizada de infamiliaridade da pandemia através de estudos conduzidos sobre os fenômenos oníricos descritos à época, buscando apreender, à luz da Psicanálise freudiana, as relações entre o contexto da pandemia e a vida psíquica da população brasileira.

**Palavras-chave:** sonhos, pandemia, Psicanálise, Infamiliar.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. MÉTODO.....	5
3. A PANDEMIA DE COVID-19 E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL...	7
4. OS SONHOS PARA A PSICANÁLISE.....	12
5. OS SONHOS DA PANDEMIA.....	15
6. DISCUSSÃO.....	23
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

## 1. INTRODUÇÃO

A ideia para o tema desta pesquisa se sustenta, principalmente, na minha experiência com sonhos durante o primeiro semestre da pandemia de Covid-19, em 2020. Eram sonhos muito vívidos e recorrentes, frequentemente com conteúdos perturbadores e imagens muito fortes. A interpretação dos sonhos é um tema pelo qual sempre tive bastante interesse, assim como pela própria Psicanálise. O desejo de me aprofundar nas experiências oníricas tidas por outras pessoas durante esse mesmo período, poder analisá-las e entender o que atravessava o psiquismo dos brasileiros nesse contexto foi o que me motivou a dar origem a este projeto.

O tema dos sonhos da pandemia é importante no campo da produção de conhecimentos da psicologia devido à compreensão que ele possibilita acerca das dinâmicas psíquicas vigentes nesse momento histórico e dos impactos psíquicos que os fenômenos da pandemia tiveram sobre os sujeitos. A noção de infamiliar é uma chave que permite compreender como a vivência da pandemia afetou os sujeitos dessa época. Os sonhos, por sua vez, podem ser entendidos como exposições do esforço psíquico em representar o trauma de lidar com o que ocorria e muitas vezes não tinha representação psíquica.

O objetivo deste trabalho foi identificar conteúdos emergentes em sonhos tidos durante a pandemia de Covid-19, os impactos da pandemia na saúde mental e analisar as manifestações psíquicas das pessoas sob a perspectiva da Psicanálise freudiana, articulando estas com a possibilidade da experiência da pandemia ter constituído uma vivência coletiva de infamiliaridade.

## 2. MÉTODO

O método deste estudo consistiu na leitura de relatos de sonhos tidos por brasileiros durante a pandemia de Covid-19 (relatos estes contidos no livro *Sonhos Confinados: O que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*, de Christian Dunker *et al.* (2021)) e das análises e observações realizadas pelos autores no primeiro capítulo do livro (“Casa”: *Sonhos*

*infamiliares*) acerca dos sonhos relatados. Este capítulo foi o norteador para a pesquisa, que consistiu na seleção de bibliografias referentes aos sonhos em psicanálise, bem como ao conceito de *Unheimlich* freudiano (que aqui optei por traduzir como Infamiliar, conforme a tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares para a edição bilíngue da editora Autêntica (2019)) e pesquisas conduzidas durante a pandemia acerca dos impactos desta na saúde mental e no sono da população brasileira.

Primeiramente, foi realizada a leitura do primeiro capítulo do livro *Sonhos Confinados* (2021), durante a qual foram destacados aspectos relacionados ao aspecto traumático da pandemia e a exigência suplementar de trabalho psíquico decorrente deste, bem como o mecanismo e o trabalho do sonho, o significante “casa”, muito presente nos sonhos da pandemia, e a noção de infamiliar. Ao procurar entender, à luz da Psicanálise freudiana, as relações entre o contexto da pandemia com a vida psíquica da população brasileira, evidenciou-se o conceito de infamiliar, que passou então a ser enfatizado como característico e predominante nas cenas pandêmicas.

Levando em consideração os aspectos destacados do livro, a pesquisa se voltou para o conceito de infamiliar. Para isso, foram lidos *O Infamiliar* (1919), de Sigmund Freud e a tese de doutorado *O horror e o outro: um estudo psicanalítico sobre a angústia sob o prisma do "Unheimlich" freudiano*, de Terêncio (2013). Para a compreensão dos sonhos para a psicanálise, foram utilizados trechos de *A interpretação dos sonhos* (1900) e das *Conferências introdutórias à psicanálise* (1916-1917), de Sigmund Freud, bem como as publicações de Souza e de Castro (2019), Frayze-Pereira (1999), Elyseu Júnior (1989), Nasio (1999), Bregalanti (2022), Pereira (2006; 2020) e Laplanche e Pontalis (2001), além de contribuições de Dunker *et al.* (2021). Para o estudo dos impactos da pandemia na saúde mental dos brasileiros, foram lidos uma série de artigos e publicações sobre a própria Covid-19 e outros sobre seus impactos na saúde mental, com destaque para a cartilha da Fiocruz *Recomendações e Orientações em Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Covid-19*, de Noal *et al.* (2020) e os estudos de Fogaça *et al.* (2021), Kallas (2020), Barros *et al.* (2020), Bezerra *et al.* (2020), Brooks *et al.* (2020) e Holmes *et al.* (2020).

Este trabalho foi orientado pela vertente psicanalítica, mas não foi, em nenhum momento, um estudo ou construção de caso, conforme os apontamentos realizados por Iribarry (2003). O enfoque do trabalho foi na observação de uma experiência coletiva de forma mais generalizante na população brasileira, não visando a análise de nenhum sujeito em particular, motivo pelo qual este trabalho não conta com a descrição e o relato dos sonhos dos participantes das pesquisas lidas, mas sim com as observações tecidas sobre esses relatos. Visou-se uma observação mais abrangente das angústias experienciadas durante a pandemia, focalizando mais um fenômeno coletivo do que situações individuais dos sonhadores.

O tipo da pesquisa é exploratória bibliográfica, buscando entender os fenômenos oníricos descritos durante a pandemia e o que suscitou a emergência dos conteúdos presentes neles. Para isso, foi utilizado o primeiro capítulo do livro *Sonhos Confinados*, de Christian Dunker *et al.* (2021), articulado a *A Interpretação dos Sonhos* (1900-1901), de Sigmund Freud e demais textos da obra de Freud que se relacionam com o tema (como, principalmente, as *Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1916-1917) que tratam dos sonhos e *O Infamiliar* (1919)). Além destes, também foram utilizados como bibliografia básica para a pesquisa artigos referentes aos temas dos sonhos e da pandemia produzidos por outros psicanalistas (como “Da dor ao sonho: sobre a coleção Oniricopandemia”, de Adriana Barbosa Pereira) e pesquisas voltadas aos impactos da pandemia de Covid-19 no sono e na saúde mental dos brasileiros, produzidas ou não por psicanalistas.

### **3. A PANDEMIA DE COVID-19 E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL**

Em novembro de 2019, surgiram os primeiros casos de Covid-19 (SARS-CoV-2) documentados. O fato ocorreu em províncias chinesas e rapidamente ganhou espaço na mídia global pela gravidade dos sintomas que podiam ser apresentados, como, por exemplo, síndrome do desconforto respiratório agudo (SDRA) e falência do sistema respiratório, que, além de muito severos, podem levar à morte (WU *et al.*, 2020; LI *et al.*, 2020). Conforme estudo conduzido por Costantini *et al.* (2020), além desses sintomas respiratórios mais graves e dificuldades respiratórias moderadas,

outros sintomas comuns da Covid-19 são fadiga, febre e tosse. Dentre os infectados, aproximadamente 80% apresentam sintomas leves ou moderados, mas em cerca de 20% deles a Covid-19 causa comprometimento do sistema respiratório severo o suficiente para requerer internação hospitalar (BAJWAH *et al.*, 2020).

Em uma questão de meses, o vírus se espalhou por cerca de 200 países, devido ao seu grande potencial de disseminação através de contato social, chegando a 7,2 milhões de casos confirmados e 410 mil mortes notificadas em oito meses desde seu descobrimento (WU *et al.*, 2020). Como consequência disso, em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou o estado de pandemia (WHO, 2020). Uma pandemia é caracterizada por uma doença infecciosa que se expande por uma extensa região geográfica, atingindo mais de um continente (FOGAÇA *et al.*, 2021).

Considerando que não havia nenhuma forma de cura ou vacina como prevenção ao adoecimento, o protocolo mais coerente a ser adotado foi relacionado a táticas visando evitar o contágio, dentre as quais destaca-se o isolamento social (STEDILE; BOTOMÉ, 2015). Tal método exigiu uma adaptação mundial nunca antes vista. No entanto, no contexto de uma pandemia com risco de morte, não apenas a doença em si é fonte de sofrimento, mas também as medidas adotadas para seu controle e a possível estigmatização dos afetados por suas comunidades, ocasionada pelo generalizado medo de contrair a doença (NOAL *et al.*, 2020). Enquanto o convívio social é uma importante forma de prazer, sua abstenção, somada ao medo da possível contração de uma doença letal, é fonte de estresse (TIBÉRIO *et al.*, 2020).

As medidas de distanciamento social implicaram uma mudança repentina nas atividades cotidianas dos indivíduos, como em suas rotinas de trabalho e/ou estudos e seu convívio em comunidade. Essa mudança, que veio sem previsão de retorno à vida “normal”, trouxe consigo o sofrimento e a insegurança de lidar com a imprevisibilidade do futuro (NOAL *et al.*, 2020).

Vale considerar ainda que o estresse psicológico pode em si causar sintomas físicos, como dores de cabeça, nas costas, desconforto estomacal, etc. Em crianças o sofrimento pode se expressar como comportamento regressivo (como urinar na cama), irritabilidade, choro constante, agressividade, automutilação. (NOAL *et al.*, 2020, p. 105)

Além do isolamento, os problemas econômicos emergentes durante a pandemia também afligiam as pessoas, em especial as das classes mais baixas. De modo geral, a população socialmente isolada durante a pandemia relatou sentir solidão, tédio e raiva, e a instabilidade financeira causada pelo desemprego gerou um elevado número de situações de estresse (HOLMES *et al.*, 2020).

Conforme Noal *et al.* (2020), essas situações podem ser ainda piores para pessoas com redes socioafetivas mais frágeis, empregos instáveis e/ou sem um local adequado para realizar o isolamento social - por exemplo, quem mora com muitas pessoas em um ambiente pequeno ou tem dificuldade de acesso a suprimentos (como água, alimento, medicamentos de uso diário e recursos para prevenção e tratamento de uma possível infecção). Esses são fatores que dificultam a adesão ao distanciamento social e podem agravar as emoções negativas que ocorrem como reação à situação de anormalidade da pandemia.

Ademais, houve aumento da violência doméstica, do número de divórcios e do consumo de drogas e bebidas alcoólicas, assim como dos atendimentos clínicos de crise (KALLAS, 2020). Os sintomas relacionados ao extravasamento da angústia no corpo, como - além do estresse - os transtornos psicossomáticos e o pânico, se somam a esse cenário, como também o fazem o extravasamento pela ação - através da violência, da agressividade, das compulsões - e a descarga do excesso no psiquismo, que extravasa na forma de transtornos de humor e depressão (BIRMAN, 2001).

De acordo com Fogaça *et al.* (2021), o impacto psicológico do isolamento social é predominantemente negativo. Verifica-se que os indivíduos em isolamento social tornam-se mais suscetíveis ao estresse e, em decorrência da privação social, apresentam transtornos de ansiedade, transtornos depressivos e alterações na qualidade do sono. A súbita mudança dos modos de viver aos quais as pessoas estavam habituadas também pode contribuir para a manifestação destes sintomas e reações (NOAL *et al.*, 2020). Sintomas de estresse pós-traumático e sentimentos de raiva e confusão também foram observados e podem estar relacionados ao longo período de distanciamento social, ao temor pela contaminação por uma doença potencialmente fatal e com causa e progressão ainda muito pouco

conhecidas, à escassez ou ausência de suprimentos básicos e informações, à frustração e às dificuldades financeiras (FOGAÇA *et al.*, 2021; NOAL *et al.*, 2020). Além dos sintomas já mencionados, as pessoas em isolamento social apresentam distúrbios emocionais, depressão, humor depressivo, insônia e maior irritabilidade (BROOKS *et al.*, 2020).

Na pandemia de COVID-19, identifica-se que os principais fatores de estresse estão relacionados à duração do distanciamento social, o medo da contaminação, os sentimentos de frustração e de aborrecimento, as informações inadequadas sobre a doença e seus cuidados, os impactos socioeconômicos e o estigma da doença. (FOGAÇA *et al.*, 2021; p. 3)

De acordo com Noal *et al.* (2020), o estresse, a ansiedade e o medo do acometimento pela Covid-19, quando experienciados de forma leve, podem levar os indivíduos a ter comportamentos de maior cautela em relação à exposição aos riscos de contaminação, servindo assim como fatores de proteção, em certa medida. Conforme Kallas (2020), o isolamento social e a redução do contato físico no início da pandemia eram decorrentes do medo de se contaminar, que era o principal foco de apreensão. Ele é seguido, então, do desencadeamento dos quadros ansiosos e depressivos, crises de pânico, ideações suicidas, do agravamento dos quadros obsessivo-compulsivos e da emergência de transtornos alimentares.

Além disso, foi observada a reagudização de indivíduos com transtornos mentais que já haviam sido estabilizados, assim como a ocorrência de primeiros surtos psicóticos, o surgimento de transtornos de estresse pós-traumático e as consequências psíquicas que as dificuldades financeiras e o desemprego tiveram na vida das pessoas, bem como o aumento no número de suicídios durante a pandemia. O luto pela perda de entes queridos e a devastação que a Covid-19 trouxe aos sobreviventes dos quadros mais graves da doença, que requerem internação em UTI, também foram marcantes (KALLAS, 2020).

Conforme Noal *et al.* (2020), estudos demonstram que alguns sentimentos recorrentes em situações de distanciamento social são: “solidão, desesperança, angústia, exaustão, irritabilidade, tédio, raiva e sensação de abandono” (p. 116). Além disso, “observa-se também maior probabilidade de ocorrência de distúrbios do sono, abuso de substâncias psicoativas e ideação

suicida, bem como agravamento de transtornos mentais preexistentes” (p. 116).

Em estudo de Bezerra *et al.* (2020) sobre a percepção de jovens adultos brasileiros acerca de como sua vida é afetada pelo isolamento social, realizado em abril de 2020 com 16.440 participantes, observou-se que o convívio social foi o aspecto mais impactado para a população com maior escolaridade e renda (45,8% dos respondentes), enquanto, para a população de baixa renda e escolaridade (35% dos respondentes), os problemas financeiros tinham maior impacto. As condições de habitação também mostraram ser dados relevantes para o isolamento social, visto que os participantes que referiram viver em piores condições de habitabilidade também relataram se sentir mais estressados e menos dispostos a permanecer em isolamento social por quanto tempo fosse necessário.

O estudo verificou que 56% das pessoas tiveram modificação em sua rotina de sono, sendo que aproximadamente  $\frac{1}{4}$  dos respondentes estava dormindo mais horas e aproximadamente  $\frac{1}{3}$  dos respondentes estava dormindo menos horas. A qualidade do sono mostrou ter relação com o estresse familiar, visto que 54,6% das pessoas que relataram estar dormindo menos também estavam percebendo muito estresse familiar, enquanto 19,1% das pessoas que dormiam a mesma quantidade de horas e 26,2% das pessoas que passaram a dormir mais horas por dia percebiam estar tendo muito estresse familiar.

Em estudo conduzido por Barros *et al.* (2020) em adultos brasileiros no período de abril a maio de 2020, verificou-se que, dos 45.161 respondentes, 43,5% não tinham problemas de sono e começaram a ter e 48%, que já tinham problemas de sono, relataram que esses problemas se agravaram durante a pandemia de Covid-19. As alterações do sono, assim como sentimentos de ansiedade e tristeza, foram encontrados com mais frequência em jovens adultos, pessoas com histórico de depressão e mulheres. Foi também na população jovem adulta que mais se constatou o predomínio de sintomas negativos de saúde mental ao longo do período de pandemia, com as descrições de sentimentos constantes de tristeza e ansiedade sendo, respectivamente, quase o triplo e quádruplo do que apareceu na população mais idosa.

#### 4. OS SONHOS PARA A PSICANÁLISE

Para a psicanálise, sonhos são fenômenos psíquicos resultantes inteiramente de processos inconscientes e são passíveis de interpretação e análise. Na conferência *Dificuldades e primeiras aproximações*, contida nas *Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)*, Freud afirma que a psicanálise não procurará definir o que é o sonho, por já ser uma matéria conhecida por todos. O que é considerado essencial, deste modo, são as características comuns a todos os sonhos.

Freud afirma que a primeira dessas características é que o sonho ocorre enquanto dormimos, sendo assim a vida psíquica durante os períodos de sono. Esta vida psíquica, por sua vez, se assemelha em parte com a vida psíquica do estado de vigília, mas também se afasta dela devido a grandes diferenças, sendo esta a segunda característica comum a todos os sonhos: os processos psíquicos no sono diferem qualitativamente daqueles do estado de vigília. O sonho constitui uma reação a um estímulo perturbador do sono, podendo este ser um estímulo de natureza interior ou exterior à psique do sonhador. Entretanto, “o sonho não reproduz simplesmente o estímulo, mas o elabora, remete a ele, o inclui em um contexto e o substitui por outra coisa. Esse é um aspecto do trabalho do sonho [...]” (FREUD, 1916-1917; p. 128).

Os sonhos têm a função de satisfazer desejos inconscientes que foram reprimidos por serem desagradáveis para a consciência (SOUZA; DE CASTRO, 2019). No livro *A interpretação dos sonhos (1900-1901)*, Freud afirma que o sonho é a via régia para o conhecimento do inconsciente e de suas atividades, uma vez que, através de sua interpretação, o conteúdo onírico permite trazer o inconsciente para a consciência.

O aparelho psíquico desenvolvido por Freud pode ser dividido em três partes: o Inconsciente, o Pré-Consciente e o Consciente, de modo que o Inconsciente pode ser considerado a principal instância desse sistema, visto que é nele que a “verdadeira realidade psíquica” se encontra (SOUZA; DE CASTRO, 2019; p. 30). Este aparelho possui duas extremidades: a sensorial e a motora, e é entre elas que a pulsão viaja, após ser excitada no inconsciente. Entre as duas extremidades, também, ficam os traços de memória desenvolvidos durante a infância do indivíduo, os quais detêm

conteúdos do recalque primário (SOUZA; DE CASTRO, 2019). A libido, durante o estado de vigília, percorre o caminho do polo sensorial ao motor e, no fim desse percurso, é descarregada, levando à satisfação - parcial, como toda satisfação pulsional - do desejo ativado pela pulsão (FRAYZE-PEREIRA, 1999).

Durante o sono, no entanto, não é possível que ocorra a descarga física dessa energia, isto é, a satisfação através do polo motor do aparelho psíquico. O investimento libidinal, então, inverte seu caminho e retorna ao polo perceptivo, onde atinge, de maneira ilusória (através da formação das imagens oníricas), a satisfação (FREUD, 1900/2012). Devido a esse processo, o sonho é considerado uma regressão do aparelho psíquico e, além disso, por existir com a finalidade de que a satisfação seja parcialmente atingida de forma ilusória, ele pode também ser considerado um sintoma (SOUZA; DE CASTRO, 2019). No que se refere à regressão, esta é a denominação da passagem a formas menos complexas, estruturadas e diferenciadas de comportamento e expressão (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

Quando sonhamos, o processo psíquico normal inverte seu curso. [...] O processo psíquico vai do estímulo à ação motora, passando, no caminho, por diversos caminhos. Durante o sono, o processo se inverte. A ação motora é inibida ao máximo. Impedido de se realizar numa ação, o processo psíquico toma o caminho inverso e investe, regressivamente, as extremidades sensoriais do aparelho psíquico, dando origem às imagens e aos pensamentos que vemos nos nossos sonhos. Freud chamava esse processo de caráter regressivo dos sonhos, e a essas percepções que temos enquanto sonhamos de realizações alucinatórias de desejo. (DUNKER *et al.*, 2021; p. 51)

Tendo em vista que o sonho tem a função de satisfazer desejos recalcados, estes desejos, para chegarem à consciência durante o sono, não podem conter suas representações originais. Assim, eles precisam ser camuflados para conseguirem atravessar a barreira até a consciência sem gerar desprazer. Este é o chamado trabalho do sonho e acontece graças à censura, mecanismo de resistência psíquico que trabalha o tempo todo para manter os conteúdos inconscientes no inconsciente e não permitir que eles cheguem à consciência (FRAYZE-PEREIRA, 1999; NASIO, 1999).

Durante a vigília, a censura trabalha mais intensamente. Nos períodos de sono, no entanto, apesar de continuar trabalhando para que a produção

onírica não seja desprazerosa para a consciência, a atuação da censura diminui e os conteúdos inconscientes têm maior chance de alcançar a instância consciente (ELYSEU JÚNIOR, 1989).

Para que tais conteúdos emerjam rumo à consciência, eles passam pelo trabalho do sonho, que é responsável por mascará-los com a censura. Esse esforço se dá a partir de dois processos principais: o deslocamento e a condensação. No deslocamento, trata-se da transferência de energia libidinal de uma ideia para outra, sob a condição de que ambas se assemelhem de alguma forma. Já a condensação trata da junção de duas ou mais ideias que, quando desfeitas em análise e interpretadas conforme a psicanálise, revelam uma variedade de pensamentos justapostos que possuem algo em comum entre si (FREUD, 1900/2012).

Pereira (2020) afirma que o sonho pode ser entendido como a “manifestação de desejos deslocados, condensados e figurados” (p. 108). A figuração, de acordo com a autora, é o processo original para que a inscrição psíquica ocorra, sendo responsável por dar forma a um afeto não ligado a uma representação, transformando-o em uma “figura propriamente subjetiva que exige uma narrativa por associatividade” (p. 109).

[...] não representação e figurabilidade se encontram no instante em que são recolhidos os elementos sensoriais não representados, bastante desorganizadores do psiquismo, e é dada a eles uma forma, uma figura tal como uma lembrança. (PEREIRA, 2006, p. 51)

A interpretação dos sonhos, por sua vez, se dá a partir da verbalização do conteúdo sonhado, e é através dela que se pode encontrar os desejos e conteúdos inconscientes que o originaram. De acordo com Freud (1900/2012), interpretar um sonho é dar a ele um sentido, de modo que o responsável por atribuir significado e definir quais foram as partes mais importantes do sonho é sempre o sonhador, e não o analista. Já com todos os fragmentos do sonho expressos, utiliza-se o método da associação livre para que o paciente discorra sobre cada um deles e sobre suas impressões acerca deles (SOUZA; DE CASTRO, 2019).

É importante explicitar aqui os dois componentes principais para a elaboração do sonho: o material latente e o material manifesto. O material latente é referente a conteúdos e traumas que tiveram lugar na infância, os quais foram recalçados e se situam entre os polos sensorial e motor do

aparelho psíquico, constituindo os traços mnêmicos. O material manifesto, também chamado de resto diurno, por sua vez, é aquilo que é lembrado, sendo formado a partir de impressões que antecedem o ato de dormir. Assim, com a interpretação dos sonhos, é possível chegar ao conteúdo latente a partir do sonho manifesto e recordado (ELYSEU JÚNIOR, 1989).

Por se tratar de um ato que coloca o sujeito em um estado extremo de vulnerabilidade, dormir requer do laço social circundante a quem dorme um certo grau de proteção e, do próprio sujeito, uma parcela de defesa contra ameaças externas e internas. Conforme aponta Bregalanti (2022), “tal como os panos e peças dos quais nos despimos toda noite, adormecer é, analogamente, despir-se psiquicamente”.

O autor fala ainda do narcisismo do estado de sono, o qual se demonstra pela renúncia a grande parte das conquistas obtidas na vida de vigília e da retirada da maioria dos investimentos de representações de objeto. Uma das poucas exceções a causar perturbações na tendência ao retraimento desse narcisismo são os restos diurnos, investimentos dos quais a libido não conseguiu se destacar e que, ligando-se às moções pulsionais inconscientes, tornam-se materiais passíveis de serem sonhados. O narcisismo do sono, no entanto, não é um estado em que o sujeito se desconecta da noção de alteridade e cinde do mundo ao seu redor; muito pelo contrário, o “invólucro que sustenta o sonho” mune o sonhador de uma aguda e sensível percepção, o que, de certa forma, aprofunda seu contato com a realidade (BREGALANTI, 2022).

## **5. OS SONHOS DA PANDEMIA**

No contexto da pandemia, as pessoas passaram a ter mais sonhos e a sonhar de maneira muito vívida, além de lembrarem com mais frequência e com mais detalhes de seus sonhos (SUZUKI, 2020). Outras pessoas relataram estarem tendo sonhos mais agitados e o sono entrecortado, enquanto há também quem estivesse dormindo mais horas. De todo modo, houve um aumento no labor onírico, assim como na intensidade afetiva do dormir e do sonhar (BREGALANTI, 2022).

Conforme afirma Freud, em *A interpretação dos sonhos* (1900), “o sonho é uma realização (disfarçada) de um desejo (suprimido ou recalçado)” (p. 193). Os sonhos da pandemia evidenciam as tentativas do inconsciente de elaborar um novo contexto que “escapava às representações dos sujeitos, visto que tudo era novidade e incerteza”, conforme afirma Dunker *et al.* no livro *Sonhos Confinados* (2021). O sonho, na cena pandêmica, tem a função de amparar e proteger o sujeito, ainda que, muitas vezes, esse papel cause ansiedade e angústia ao sonhador, pois existe em andamento um trabalho psíquico voltado ao processamento do trauma.

Trauma, conforme definido por Freud, é um evento disruptivo que não pode ser simbolizado pelo aparelho psíquico devido à excessiva intensidade do ocorrido e/ou “pela ausência de redes simbólicas ou camadas protetivas suficientemente robustas para dar conta [dele]” (DUNKER *et al.*, 2021; p. 47). O acontecimento gerador do trauma, assim, inunda o psiquismo com um excesso de estímulos, ocasionando um choque para o qual ele não está preparado ou devidamente protegido, excedendo os recursos simbólicos, os repertórios narrativos e as capacidades de representação do indivíduo. Por escapar à simbolização e a sua atribuição de sentido, o evento traumático rompe a lógica associativa e permanece no psiquismo como uma ferida aberta, sendo vivenciado enquanto angústia generalizada ou traumática. O trauma, assim, se repete, de modo que sintomas como os sonhos podem servir como uma forma de tentar inscrever o trauma na ordem simbólica, levando-o a ocupar um lugar mais palpável e inteligível dentro da teia de representações do sujeito, mas muitas vezes sem sucesso (DUNKER *et al.*, 2021).

A pandemia de Covid-19 se sustenta enquanto uma situação traumática à medida que sua emergência não foi planejada ou premeditada e trouxe consigo a interrupção de um sentimento de continuidade, obrigando a todos a suspenderem suas expectativas para o futuro e os aprisionando em uma vivência angustiante e sem previsão de fim. A angústia trazida pela irrupção da pandemia se origina tanto como consequência direta do evento traumático quanto como um sinal de ameaça diante da possibilidade de repetição desse evento, o qual excede a capacidade psíquica de

representação e joga o sujeito em um “estado de desamparo pleno diante do horror” (DUNKER *et al.*, 2021; p. 50). Os autores acrescentam, ainda, que

[...] o contexto pandêmico reatualiza angústias que dizem respeito às vivências subjetivas de cada sujeito. Não se trata, pois, apenas de ameaças reais provocadas pelo vírus, mas da composição narrativa de cada sujeito que apresenta de novo a cena recalcada acrescentando-lhe algo novo, que, ao ser rerepresentada ao sonhador, é vivenciada como experiência de infamiliaridade. (DUNKER, *et al.*, 2021; p. 48)

Muito do que é percebido durante o estado de vigília não é elaborado prontamente pela consciência, de modo que fica delegada ao inconsciente a função de conectar esses conteúdos, denominados “restos diurnos”, aos desejos recalcados da pessoa (DUNKER *et al.*, 2021). Os restos diurnos são, conforme Bregalanti (2022), “investimentos de pensamentos desobedientes dos quais a libido não logrou destacar-se e que, ao ligar-se às moções pulsionais inconscientes, oferecem-se como matéria aos sonhos”. Esses restos são capazes de perturbar o narcisismo do estado de sono, no qual os investimentos das representações de objeto são, em grande parte, retirados, e de impulsionar os sonhos, expressando o que os esforços conscientes não conseguem representar. Nesse caso, a irrepresentabilidade gira em torno da irrupção traumática da pandemia e seus eventos adjacentes, bem como o encontro do “mais arcaico da experiência psíquica individual” (*ipsis idem*) com o que aparece de maneira brutal na experiência coletiva. É dessa forma que as imagens da pandemia, ligadas a temas como a morte, o isolamento, o medo da contaminação, entre outros, podem se conectar com a história individual de cada sujeito no sonho e possibilitar, assim, uma elaboração dos aspectos traumáticos desse período.

Este é um dado que se confirma pela própria intensidade da atividade onírica ao longo da pandemia. Nos primeiros três ou quatro meses, houve não só um aumento na frequência dos sonhos, mas uma diferenciação na própria forma de sonhar, visto que o caráter já tipicamente absurdo e estranho dos sonhos se multiplicou diante da nova “exigência suplementar de trabalho psíquico”, conforme Dunker *et al.* (2021). Após alguns meses de pandemia, os traços particularmente absurdos e surreais que surgiram nos sonhos cessaram e “notou-se uma tendência à ‘estabilização’ da atividade onírica” (p. 13), demonstrando que os sonhos serviram de reflexo para como

as pessoas foram se acostumando às novas rotinas desse período. Além disso, passado esse tempo, os relatos sugerem que os sonhos, em certa medida, já haviam exercido seu papel de processar o trauma.

Apesar de a sensação de ausência de sentido ou o caráter absurdo serem traços dos mais corriqueiros no universo dos sonhos de modo geral, ou pelo menos de seu conteúdo latente, a chegada da pandemia havia intensificado essa sensação de estranheza exponencialmente. [...] Como se a estranheza própria ao sonho se reduplicasse frente à ausência de coordenadas simbólicas para lidar com a ruptura traumática vivida cerca de um ano atrás. A novidade do isolamento social, das medidas restritivas e dos rituais de higienização, além do medo de se contaminar e de morrer, bem como o horror às desconhecidas consequências do sombrio momento histórico que nos pegou a todos de surpresa, exigia de cada um grande trabalho de processamento, elaboração e assimilação da nova realidade. Os sonhos expressavam essa exigência suplementar de trabalho psíquico. Com a relativa reordenação e adaptação de nossas vidas a novas rotinas, a sensação de que os sonhos no início da pandemia eram mais confusos e mais absurdos é confirmada de várias maneiras. (DUNKER *et al.*, 2021; p. 27)

Kallas (2020) relata que o tema da perda aparece muito nos sonhos, assim como a violência e sensações de mal-estar, angústia, incerteza, de ser perseguido e não ter confiança nos laços afetivos. Nos sonhos coletados nos primeiros três meses da pandemia, termos de ordem corriqueira, como “casa”, “amigo/a/s” ou “mãe” foram os que mais apareceram. Significantes mais próprios do momento histórico vivido, como “vírus”, “pandemia” ou até mesmo “morte” não foram tão frequentes quanto aqueles (DUNKER *et al.*, 2021).

De acordo com o estudo de Dunker *et al.* (2021), a palavra mais recorrente nos sonhos dos brasileiros foi “casa”. O que esse significante representa para cada sonhador não pode ser generalizado, afinal, a casa que aparece no sonho de cada sujeito é fruto de como essa palavra se relaciona com a história individual dele. Entretanto, há de se considerar também que o sujeito da psicanálise se constitui na tênue fronteira entre o individual e o coletivo, de forma que a inserção social e política de cada um faz parte das singularidades que compõem as narrativas dos sonhos. O significante “casa”, assim, alude também a questões políticas, sociais e históricas próprias do momento em que os brasileiros estavam inseridos, o qual dá contorno às experiências individuais e coletivas das pessoas.

A casa é um “elemento aglutinador de inúmeras sensações, memórias, conflitos” (BREGALANTI, 2022), além de ser um lugar que remete ao cuidado. Por isso mesmo, a emergência desse significante pode ser indicativa da carência de um lugar seguro, protegido dos temores cotidianos do cenário pandêmico, o qual se fazia necessário. Ademais, o significante “casa” traz em si uma certa ambiguidade afetiva, visto que é o lugar para onde se deseja voltar quando se está cansado, um lugar seguro, mas, em uma situação de confinamento, como a que se impôs para muitos durante a pandemia, é de onde se quer fugir, onde toda a angústia recai sobre o indivíduo (DUNKER *et al.*, 2021).

O que a literatura pesquisada sobre o tema dos sonhos na pandemia indica é que, dentro deste cenário de profundas mudanças, luto e confinamento, surge um sentimento de desamparo trazido pelo novo (KALLAS, 2020). Há uma sensação de estranha familiaridade que permeia esse momento, trazendo à luz algo que deveria ter ficado oculto, o infamiliar dos medos, como Freud (1919) descreve em seu ensaio *O Infamiliar*.

Em *O Infamiliar*, Freud recorre a traduções para outras línguas e definições em dicionários da língua alemã das palavras *Heimlich* (familiar) e *Unheimlich* (infamiliar), buscando entender como eles definiam esta nuance específica do assustador, a da infamiliaridade. *Heimlich*, em um primeiro momento, aparece como aquilo que é “pertencente à casa, não estranho, familiar, doméstico, íntimo, amistoso, alegre e disposto” (TERÊNCIO, 2013; p. 82). Esta palavra, no entanto, apresenta também uma outra gama de significados, como “escondido, oculto da vista e sonegado aos outros” (*ipsis idem*, p. 82), bem como secreto, místico, alegórico, inconsciente e perigoso. *Heimlich* é definida, assim, como uma palavra ambígua, que se refere desde ao familiar e agradável até ao oculto, perigoso, não familiar e fora de vista.

Os significados encontrados da palavra *Unheimlich*, por sua vez, incluem “que provoca mal-estar, que desperta terrível temor” (FREUD, 2019; p. 43), além de misterioso, sobrenatural, fantasmagórico e aterrorizante. Por fim, para definir *Unheimlich*, Freud dá ênfase a uma observação de Schelling: a de que “infamiliar seria tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que veio à tona” (*ipsis idem*, p. 45). Assim, ele conclui que

[...] familiar [*heimlich*] é uma palavra cujo significado se desenvolveu segundo uma ambivalência, até se fundir, enfim, com seu oposto, o infamiliar [*unheimlich*]. Infamiliar é, de certa forma, um tipo de *familiar*. (FREUD, 2019; p. 47)

Esta é uma observação que remete a “Sobre o sentido antitético das palavras primitivas” (1910), texto de Freud homônimo ao artigo do filólogo Karl Abel (1884) em que Freud discorre sobre como, em muitas línguas e também nos sonhos, oposições são expressas com a mesma palavra. Isto também serve como um paradigma para o funcionamento do inconsciente, onde ideias e afetos opostos coexistem sem que isso represente uma contradição. Além disso, Freud afirma que o caráter regressivo e arcaico da expressão dos pensamentos em sonhos se confirma por esse dado da filologia das línguas antigas.

O infamiliar, então, é formulado por Freud como aquilo que é assustador precisamente por ser o retorno de algo que foi recalcado. Não se trata de algo estranho ou distante da familiaridade, mas sim daquilo que é familiar e está há muito tempo já estabelecido no psiquismo, todavia foi submetido ao recalçamento. Isso é evidenciado pelo “prefixo de negação “in-” [*Un-*] nessa palavra, [o qual] é a marca do recalçamento” (FREUD, 2019; p. 95). A definição de Schelling fala exatamente disso, pois o que deveria ter permanecido oculto, mas veio à tona, nada mais é que o retorno do recalcado. A fusão de sentidos encontrada em *das Heimliche* (familiar) e *das Unheimliche* (infamiliar) também se deve a isso, uma vez que o infamiliar é justamente o retorno de um familiar que foi banido da consciência (TERÊNCIO, 2013). Sobre essa univocidade de sentidos e sua relação com o recalque, Freud pondera, em *O Infamiliar*:

[...] se isso é mesmo a natureza secreta do infamiliar, então entendemos por que o uso da língua permitiu que o familiar deslizesse para seu oposto, o infamiliar, uma vez que esse infamiliar nada tem realmente de novo ou de estranho, mas é algo íntimo à vida anímica desde muito tempo e que foi afastado pelo processo de recalçamento. (FREUD, 2019; p. 85)

Ainda discorrendo acerca do recalque, Freud aborda a “onipotência dos pensamentos” (2019, p. 83). Ele afirma que os casos em que aparece o *infamiliar* remetem à antiga concepção animista do mundo, na qual predominava a defesa das objeções impostas pela realidade através de

criações como a povoação pelo mundo por espíritos, a hipervalorização narcísica dos pensamentos, a onipotência dos pensamentos e técnicas mágicas originadas deste, bem como a distribuição das forças mágicas entre pessoas e coisas. Todas essas criações seriam fruto do narcisismo ilimitado de um período de desenvolvimento pelo qual todos os indivíduos passam. Porém, ao atravessarem esse período e dele se afastarem, permanecem nas pessoas rastros e traços remanescentes desse tempo e passíveis de se expressarem. O que chega às pessoas como infamiliaridade, portanto, “é a condição para que esses restos da atividade psíquica animista ainda [as] toquem e estimulem sua expressão” (p. 85).

O efeito infamiliar ocorre, assim, quando complexos infantis recalcados (como o complexo de castração ou a protofantasia de retorno ao útero) são reativados através de uma impressão, ou quando crenças primitivas há muito deixadas para trás (como a onipotência dos pensamentos e o retorno dos mortos) parecem se confirmar novamente (TERÊNCIO, 2013). A sensação de infamiliaridade, então, se dá quando aquilo que era familiar e íntimo e, portanto, precisou ser apagado ao longo de nosso desenvolvimento, é “reativado por um fato extrínseco, para ser projetado além da subjetividade e percebido como alheio” (CESAROTTO, 1996; p. 117). É importante ressaltar, no entanto, que, conforme afirma Terêncio (2013), “nem tudo o que evoca desejos recalcados e modos superados de pensamento é sinistro” (p. 91); é preciso que exista uma ligação com a vida real para que se produza o efeito *Unheimlich*.

Em 1919, no texto “O Infamiliar”, Freud descreve não apenas como o eu não é senhor em sua própria casa, mas também como nos angustiamos exatamente diante daquilo que nos é mais íntimo e familiar. [...] a ambiguidade inerente ao que nos é familiar - o doméstico, o relativo à dimensão da casa - é também aquilo que é íntimo e, por extensão, secreto. O infamiliar é o sentimento angustiante de quando essa ambiguidade inerente ao familiar, que deveria ficar oculta, vem à tona. É quando estranhamos o que nos é familiar, como uma criança que teme o escuro de seu próprio quarto, ou quando nos sentimos atordoados por não podermos sair de casa. (DUNKER *et al.*, 2021; p. 45)

Durante o confinamento, é podada qualquer possibilidade antes tida de atribuir a própria angústia a elementos externos e, assim, todos os indivíduos são colocados diante da realização de que suas aflições não vêm de fora, e sim do que há de exterior, de estrangeiro no fundo de cada um. Os sonhos da pandemia em que aparecem entidades ou seres que procuram

fazer mal ao sonhador através do uso de forças misteriosas são bons exemplos disso. O caráter maligno e “demoníaco” que causa medo ao sujeito é, na verdade, proveniente dele mesmo; é um elemento conhecido que retorna do íntimo de onde foi expulso e, ao vir à tona, tende a ser reconhecido como uma ameaça vinda de fora. No entanto, ela causa medo justamente por ser uma parte de quem sonha que deveria ter ficado oculta, mas veio à luz. Isso coloca o sujeito diante de sua própria disjunção, isto é, diante de “um eu que não é mais senhor em sua própria casa” (DUNKER *et al.*, 2021; p. 59), o que, no caso da pandemia, se generaliza para o sentimento de não estar em casa em casa.

Esse sentimento, no entanto, não é o mesmo que a perda do lar ou daquilo que é familiar. O infamiliar é “uma operação mais sofisticada na qual o significante ‘casa’, costumeiramente relacionado à ideia de amparo e acolhimento, já não garante uma experiência de habitar alguma segura ou sólida morada” (DUNKER *et al.*, 2021; p. 60). Essa impossibilidade de se sentir em casa aparece nos sonhos através de imagens que trazem o caráter desconfortável do encontro com o próprio vírus da Covid-19: algo assustador, invisível e contagioso; um perigo mortal diante do qual se evidencia a pequenez do sujeito. Tanto esse perigo mortal quanto o sentimento de traição de um lugar seguro que se vira contra o sujeito são temas que aparecem em sonhos tidos à época.

Existe, assim, um esforço psíquico voltado a transformar as impressões dos sujeitos em representações nos sonhos, o qual se dá, muitas vezes, pela via da repetição. A repetição do mesmo, por sua vez, pode por si só ser fonte do sentimento infamiliar, pois, ao se retornar repetida e involuntariamente a um lugar marcado por um determinado aspecto, até mesmo aquilo que é inofensivo pode se tornar infamiliar, por impor ao sujeito a ideia de estar preso a algo fatídico e inescapável, não mais vivenciando o campo do que se entende como acaso (FREUD, 2019).

Ademais, a presença maligna muitas vezes relatada nos sonhos da pandemia foi sendo gradualmente domesticada através da elaboração onírica, evidenciando o caráter processual do relato dos sonhos. Com a repetição da cena traumática, promove-se uma elaboração, movimento no qual “as redes de proteção simbólica começam a se reerguer e a dominar o

impulso mortífero” (DUNKER *et al.*, 2021; p. 55). Isto é, por meio da repetição, torna-se possível representar e simbolizar aquilo que, não tendo forma ou contorno, era desorganizador para o psiquismo e, assim, amenizar a ameaça do infamiliar que permeava as vivências dos sujeitos da pandemia.

## 6. DISCUSSÃO

No livro *Sonhos Confinados* (2021), há um trecho em que os autores afirmam que “podemos pensar como o infamiliar, ou, mais precisamente, como uma experiência generalizada do sentimento de infamiliar, é uma chave que permite ler os sonhos pandêmicos” (p. 44). Foi nessa chave que este trabalho procurou se pautar, recorrendo, para isso, a três principais seções na pesquisa. A primeira sendo a dos impactos da pandemia na saúde mental, focalizando também as questões do sono atreladas a esses impactos; a segunda, a dos sonhos para a psicanálise, na qual buscou-se compreender o fenômeno em si do sonhar e seu funcionamento; e, a terceira, procurando entender os impactos da pandemia no sonhar, bem como a noção de infamiliar e sua relação com a vivência pandêmica.

Poderiam ser ditas muitas coisas sobre a forma que a pandemia impactou os sonhos dos brasileiros, abordando desde o tema do infamiliar, que aqui recebeu destacada atenção, até temas como as mudanças na percepção da passagem do tempo e as relações dos sonhos com o cenário político caótico e negacionista e a crise sanitária vigente no Brasil durante essa época. Indubitavelmente, todos esses aspectos se relacionam, mas para os fins da pesquisa foi necessário fazer um recorte.

A vivência da quarentena e do isolamento, ainda que não tenha atingido a todos os brasileiros - em especial aqueles que continuaram precisando sair de casa para trabalhar -, afetou uma boa parte da população. Ela representou para muitos uma pausa dramática na vida, a necessidade de postergar todos os projetos futuros próximos e a incerteza de quando (e até mesmo se) seriam retomados. A interrupção do sentimento de continuidade aprisionou as pessoas em uma angústia perene, sem data de validade. Soma-se isso à constante ameaça do vírus e às recorrentes notícias de mortes, tanto nas mídias quanto nos arredores de cada um, e tem-se, de fato,

uma quantidade massiva de sujeitos desamparados, sem ferramentas para lidar com o horror diante do qual se encontravam.

É nessa conjuntura que os sonhos se fazem tão importantes. Os sonhos, para além da simples realização do desejo, também podem servir como instrumentos de trabalho psíquico em momentos como esse, em que o que era vivido não conseguia sequer ter representação. A irrupção da pandemia foi um evento traumático, uma vivência de horror e muitas vezes de perda, e os sonhos, nesse contexto, passaram a ter a função de tentar elaborar a cena traumática. O processo de figuração, apresentado no primeiro capítulo, é de extrema importância nesse momento, pois pode dar contorno a afetos sem representação, os quais podem promover uma desorganização psíquica se não forem figurados. E é por isso também que os sonhos podem muitas vezes ser repetitivos; essa repetição é a busca de uma elaboração, de dar uma representação ao irrepresentável, que, mesmo falhando, não cessa em suas tentativas.

Os sonhos são fenômenos que se dão no interior do psiquismo de um sujeito, constituindo o sonhar, assim, uma experiência fundamentalmente solitária, um mergulho dentro de si. Entretanto, apesar do desinteresse pelo mundo exterior característico do sono, o sonho não se encerra em si mesmo nem se recusa ao contato com a realidade externa; ele é como um lugar seguro dentro de si em que o sujeito pode entrar em contato com o mundo ao seu redor de uma maneira mais protegida.

Para a psicanálise, não há uma delimitação que defina onde tem fim o sujeito enquanto indivíduo e onde se inicia o coletivo; muito pelo contrário, o sujeito da psicanálise se constitui justamente na fronteira entre o individual e o social. Desta forma, apesar dos sonhos serem fenômenos essencialmente individuais, eles tratam da relação que o sujeito estabelece com o mundo, de modo que a alteridade jamais é excluída da formulação onírica. A possibilidade de entender os sonhos pandêmicos através da experiência generalizada de infamiliaridade se sustenta nessa fronteira, na qual os sonhos são manifestações próprias de um sujeito, mas este é um sujeito que está em constante contato com o mundo externo, mesmo em isolamento social (afinal, mesmo quem vive sozinho na atualidade, em geral, tem acesso

a algum meio de comunicação), e que não existe sem estar, de alguma forma, referido a um outro.

Um outro dado que também sustenta a experiência generalizada de infamiliaridade da pandemia é o frequente contato com dados de morte que se teve nesse momento. Em *O Infamiliar* (2019), Freud afirma que “nosso inconsciente tem tão pouco espaço como antes [referindo-se a tempos primitivos] para a representação da própria mortalidade” (p. 87). Assim, apesar do estágio de desenvolvimento civilizatório de nossos tempos, o medo da morte segue tão poderoso quanto em qualquer outro momento da história humana e nosso psiquismo segue tão desamparado diante do contato com a morte quanto em tempos muito longínquos. A imutabilidade de nossa posição diante da morte ao longo do tempo indica que há, nesse tema, a mesma condição de recalçamento a que as ideias animistas (como a onipotência dos pensamentos) foram submetidas. Dessa forma, a proximidade com a morte pode também retornar como algo infamiliar, servindo como motor para os característicos sonhos pandêmicos que tinham como meta a representação do irrepresentável, sendo a própria morte talvez o mais expressivo exemplo do que não tem representação.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da questão motivadora (“qual é a perspectiva da psicanálise sobre a relação dos sonhos da pandemia com o infamiliar?”) e o objetivo deste trabalho, foi possível articular as formulações psicanalíticas acerca dos sonhos e do infamiliar com a vivência dos brasileiros durante a pandemia. Neste período, foram tidos muitos sonhos envolvendo o ambiente da casa, que não aparecia mais como um lugar seguro, perseguições, sensações de mal-estar e a espreita de um perigo mortal. Além disso, laços afetivos familiares (principalmente o da mãe) e de amizade também apareceram muito nos sonhos.

O primeiro capítulo do livro *Sonhos Confinados*, de Dunker *et al.* (2021), possibilitou a articulação dos fenômenos oníricos do período pandêmico com o conceito de infamiliar, fornecendo descrições dos temas recorrentes nos sonhos da época e muitas das bases conceituais deste

estudo. O conceito de infamiliar auxilia na compreensão do que o sonho representou para a manutenção do funcionamento psíquico, isto é, uma tentativa de elaboração do trauma, procurando dar forma àquilo que até então não tinha representação e, assim, era causador de angústia.

A psicanálise pode contribuir com as pesquisas acerca dos sonhos da pandemia por ser uma abordagem teórica que estuda amplamente os sonhos e que, graças ao seu entendimento do que é o sujeito e de como ele se situa na fronteira entre o individual e o coletivo, é capaz de articular fenômenos tipicamente entendidos como individuais (como é o caso dos sonhos) a um contexto social no qual todos estavam impactados pela irrupção de um trauma, como foi o caso da pandemia. Além disso, conceitos como os de trauma, angústia, regressão, representação, infamiliar e até mesmo o próprio inconsciente, que fazem parte do arcabouço teórico psicanalítico, estão intrinsecamente relacionados à temática dos sonhos e da pandemia, podendo servir como chaves de leitura para os acontecimentos desse momento histórico.

O tema da relação dos sonhos pandêmicos com o conceito de infamiliar, no entanto, foi apenas um recorte dentre os diversos focos possíveis de pesquisa dentro do tema dos sonhos da pandemia. Diversos autores vêm pesquisando mais sobre os sonhos desse momento e os fenômenos relacionados a eles e muitas das fontes utilizadas no levantamento bibliográfico desta pesquisa abordam os sonhos da pandemia através de outras perspectivas e recortes temáticos além dos que foram trazidos para este texto.

Pode caber ainda a realização de outras pesquisas dentro deste tema, afinal, a pandemia caracterizou um momento histórico de maneiras nunca antes vistas, e cujo impacto certamente ainda reverberará no futuro, dando margem a novas discussões e possibilidades de compreensão desse fenômeno. O isolamento social, o negacionismo da doença e os diversos lutos vividos nesse período são apenas alguns dos temas que podem motivar novas pesquisas, ainda em relação aos sonhos ou separadamente.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAJWAH, S., WILCOCK, A., TOWERS, R. *et al.* Managing the supportive care needs of those affected by COVID-19. **European Respiratory Journal**, vol. 55: 2000815. 2020. DOI: 10.1183/13993003.00815-2020

BARROS, M. B. A., LIMA, M. G., MALTA, D. C. *et al.* Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 29, n. 4, e2020427, set. 2020. Disponível em: [http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-49742020000400021&lng=pt&nrm=iso](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742020000400021&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 18 nov. 2022. Epub 20-Ago-2020. <http://dx.doi.org/10.1590/s1679-49742020000400018>.

BEZERRA, A. C. V. *et al.* Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 25, n. 6, suppl. 1, p. 2411-2421, jun. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/9g4hLHkSSW35gYsSpggz6rn/?lang=pt>

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BREGALANTI, L. As águas turvas do sonhar. **Correio APPOA**, ed. 324, set. 2022. Disponível em: [https://apoa.org.br/correio/edicao/324/8203as\\_aguas\\_turvas\\_do\\_sonhar/1161](https://apoa.org.br/correio/edicao/324/8203as_aguas_turvas_do_sonhar/1161). Acesso em 28 mai. 2023.

BROOKS, S. K. *et al.* The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The Lancet**, v. 395, n. 102227, p. 912-920. 2020. 10.1016/S0140-6736(20)30460-8

BOTOMÉ, S. P., STÉDILE, N. L. R. **Múltiplos âmbitos de atuação profissional: Além da prevenção de problemas**. 2 ed. São Paulo: Centro Paradigma Ciências do Comportamento, 2015.

CESAROTTO, Oscar. **No olho do outro: o “O homem da areia”, segundo Hoffmann, Freud e Gaiman**. São Paulo: Iluminuras, 1996.

COSTANTINI, M., SLEEMAN, K. E., PERUSELLI, C. *et al.* Response and role of palliative care during the COVID-19 pandemic: A national telephone survey of hospices in Italy. **Palliative medicine**, vol. 34, n. 7, p. 889–895. 2020. DOI: 10.1177/0269216320920780

DUNKER, C. *et al.* (org.). **Sonhos confinados: O que sonham os brasileiros em tempos de pandemia**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

ELYSEU JUNIOR, S. **Mecanismos de defesa do ego na formação do sonho**. 2 ed. Campinas: Papirus, 1989.

FOGAÇA, P. C., AROSSI, G. A., HIRDES, A. Impact of social isolation caused by the COVID-19 pandemic on the mental health of the general population: An integrative review. **Research, Society and Development**, [s. l.], v. 10, n. 4, p. e52010414411, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i4.14411. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14411>. Acesso em: 9 sep. 2022.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. Entre os sonhos e a interpretação: aparelho psíquico/aparelho simbólico. **Psicologia USP**, v. 10, p. 199-223, 1999.

FREUD, S. (1900). **A interpretação dos sonhos**. 11 ed. Porto Alegre: L&PM editores, 2012.

FREUD, S. **Conferências introdutórias à psicanálise**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. **O infamiliar [Das Unheimliche]**: Edição comemorativa bilíngue (1919-2019) - Seguido de O Homem da Areia de ETA Hoffmann. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

HOLMES, E. A., O'CONNOR, R. C., PERRY, V. H. *et al.* Multidisciplinary research priorities for the COVID-19 pandemic: a call for action for mental health science. **Lancet Psychiatry**. v. 7, n. 6, p. 547-560.10.1016/S2215-0366(20)30168-1

IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica? **Ágora**, v. 6, n. 1, p. 115-138, 2003.

KALLAS, M. B. L. de M. Psicanálise, sonhos e luto na pandemia. **Reverso**, v. 42, n. 80, p. 55-62, 2020.

LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NASIO, J. D. **O prazer de ler Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

NOAL, D. S. *et al.* (org.). **Recomendações e Orientações em Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Covid-19**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020. 342 p. ISBN 978-65-87063-01-0. Disponível em: [https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/10/livro\\_saude\\_mental\\_covid19\\_Fiocruz.pdf](https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/10/livro_saude_mental_covid19_Fiocruz.pdf). Acesso em: 18 nov. 2022.

PEREIRA, A. B. Da dor ao sonho: sobre a coleção Oniricopandemia. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 54, n. 2, p. 105-121, jun. 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2020000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2020000200008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 09 dez. 2022.

PEREIRA, A. B. **Sobre o potencial teórico da noção de alucinação desde Freud**. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Acesso em: 09 dez. 2022.

SILVEIRA, E. **Coronavírus: o estudo que busca mostrar como a pandemia está afetando os sonhos dos brasileiros**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52704871>. Acesso em: 23 junho de 2022.

SOUZA, A. A. C., DE CASTRO, P. F. A interpretação dos sonhos: Análise comparativa entre a psicanálise e a psicologia analítica. **Psicologia: Olhares em Diferentes Contextos**. Taubaté: EdUnitau. 2019.

SUZUKI, S. **Como o estresse da pandemia da Covid-19 tem se refletido no que sonham os profissionais de saúde no Brasil**. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/viva-voce/noticia/2020/05/15/como-o-estresse-da-pandemia-da-covid-19-tem-se-refletido-no-que-sonham-os-profissionais-de-saude-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 23 junho de 2022.

TERÊNCIO, M. G. **O horror e o outro**: um estudo psicanalítico sobre a angústia sob o prisma do "Unheimlich" freudiano. Orientador: Fernando Aguiar, co-orientador: Marco Antonio Coutinho Jorge. 2013. 276 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2013.

TIBÉRIO, S. F. *et al.* A natureza comportamental da pandemia de Covid-19. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, v. 16, n. 1, 2020.

LI, W., YANG, Y., LIU, Z. H. *et al.* Progression of Mental Health Services during the COVID-19 Outbreak in China. **International Journal of Biological Sciences**, v. 16, n. 10, p. 1732-1738. 2020. doi:10.7150/ijbs.45120.

WHO – World Health Organization (2020). Coronavirus disease (COVID-19) pandemic. Recuperado de [https://www.who.int/emergencies/diseases/novelcoronavirus2019?gclid=CjwKCAjw\\_qb3BRAVEiwAvwq6VqHEOzec\\_gY8lrkljCohUdDsbC\\_nAdM0OU5fU7mJihwKamKWtGAXJR0c9NQQAvD\\_BwE](https://www.who.int/emergencies/diseases/novelcoronavirus2019?gclid=CjwKCAjw_qb3BRAVEiwAvwq6VqHEOzec_gY8lrkljCohUdDsbC_nAdM0OU5fU7mJihwKamKWtGAXJR0c9NQQAvD_BwE)

WU, F., ZHAO, S., YU, B. *et al.* A new coronavirus associated with human respiratory disease in China. **Nature**, v. 579, n. 7798, p. 265-269, 2020. doi: 10.1038/s41586-020-2008-3.